

# O POPULISMO BRASILEIRO EM DOIS TEMPOS

Vanilda Paiva\*

## RESUMO

O texto procura abordar as origens do populismo, seja na versão mais clássica dinamizadas pela literatura alemã, seja nas suas idiossincrasias da realidade brasileira, revelando como essa dinâmica política se estabeleceu no Brasil a partir das configurações políticas de Vargas a Lula, até a Operação Lava a Jato. O texto busca analisar criticamente essa trajetória particular do cenário nacional conferindo disposições conceituais e teóricas para revelar as especificidades a realidade brasileira.

**Palavras-chave:** populismo – política nacional – cultura política

## THE BRAZILIAN POPULISM IN TWO TIMES

### ABSTRACT

Abstract: The text seeks to the origins of populism, either in the most classic version, in the versions dynamized by the German literature, or in its idiosyncrasies the Brazilian reality, revealing how this political dynamic was established in Brazil from the political configurations of Vargas To Lula, until Operation “Lava a Jato”. The text seeks to critically analyze this particular trajectory of the national scenario by providing conceptual and theoretical dispositions to reveal the specificities of the Brazilian reality.

**Key words:** populism - national politics - political culture

## EL POPULISMO BRASILEÑO EN DOS TIEMPOS

### RESUMEN

Resumen: El texto busca analizar los orígenes del populismo, sea en la versión más clásica, dinamizadas por la literatura alemana, sea en sus idiossincrasias en la realidad brasileña, revelando cómo esa dinámica política se estableció en Brasil a partir de las configuraciones políticas de Vargas A Lula, hasta la Operación “Lava a Jato”. El texto busca analizar críticamente esa trayectoria particular del escenario nacional conferiendo disposiciones conceptuales y teóricas para revelar las especificidades a la realidad brasileña.

**Palabras-claves:** populismo – política nacional – cultura política

---

\* Professora aposentada da UFRJ. Dr. Phil. pela Universidade de Frankfurt/M (1978). Pesquisadora Sênior do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico – CNPq, Brasil. Contato: vanilda.paiva@gmail.com

A Revolução Liberal de 1930 - que colocou no poder Getúlio Vargas, e rompeu a alternância de São Paulo/Minas Gerais, introduzindo o Rio Grande do Sul na disputa pelo poder central - pareceu, ao mesmo tempo, marcar o apogeu e o fim do Ciclo Militar no Brasil. Em 1930 eles se nomeavam liberais, mas foram parte um Ciclo Militar que, inicialmente, congregou camadas médias ascendentes através desta carreira que, sob influência francesa e norte-americana, depôs o Imperador em 1889. A República transferiu o poder a militares positivistas e laicos, em detrimento das oligarquias rurais aliadas aos ingleses. O “espírito brasileiro” tendia a esperar que morresse o Imperador para proclamá-la, mas foi vencido pela impaciência de jovens modernizadores que, nas décadas seguintes, foram perdendo o poder para as tradicionais oligarquias rurais articuladas entre São Paulo e Minas Gerais.

Nesse curso, 1930 foi mais do que a retomada do poder pelos militares, antecipada pelas suas diversas revoltas nos 30 primeiros anos do século XX - dos 18 do Forte (1922) à Coluna Prestes (1924), mas também refletindo os problemas econômicos gerados pela crise de 1929. Constatamos em 1964, que 1930 não encerrara ainda o Ciclo Militar. Dava, no entanto, início ao Ciclo Populista. Político habilidoso, Vargas leva os militares ao comando dos Estados e em posições centrais, mas granjeia apoios, alia-se - ao mesmo tempo - às forças agrárias e à incipiente burguesia industrial. Manda queimar o café para sustentar os preços e reembolsa os produtores para que investissem na indústria. Inaugura *A Voz do Brasil*, programa radiofônico diário em horário nobre e cadeia nacional, no qual, por uma hora, o governo falava diretamente ao povo, reiterando que entendia seus problemas e prometendo solução. Depois de ter vencido a Revolução Constitucionalista paulista em 1932, liberou-se de comunistas (1935) e fascistas (1938) ao longo da primeira metade do seu governo, estimulou os sindicatos,

consolidou as Leis do Trabalho sob inspiração italiana, criou institutos de Saúde, Aposentadoria e Pensões por corporação. Suas medidas eram formuladas por intelectuais e outorgadas ao povo junto ao qual construiu o modelo de “pai dos pobres”.

Vargas foi considerado nacionalista também por jogar com a ambiguidade de guerra para implantar a primeira siderúrgica no Brasil. Ao ser apeado do poder em 1945 funda o Partido trabalhista (PTB), para agrupar os operários e o Partido Social Democrata (PSD), para congregar as classes dominantes. Candidato vitorioso à Presidência assume uma política populista ainda mais claramente, com uma relação emocional direta com as massas urbanas. Sua grande campanha popular, na primeira metade dos anos 50, foi “O Petróleo é nosso” e a criação da Petrobrás em 1953. A luta entre varguistas e não varguistas foi muito dura, com denúncias de corrupção que não o atingiam pessoalmente (o “mar de lama”), levando Vargas ao suicídio. Entrementes, seu herdeiro político, João Goulart, como Ministro do Trabalho, em 1954 aumentou de uma só vez em 1º de maio de 1954 o salário mínimo em 100%, concretizando as expectativas crescentes das massas. Seu suicídio conseguiu adiar por 10 anos o golpe militar. Até o governo Goulart tivemos tentativas de golpes e contragolpes que asseguraram o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, herdeiro político do oligarca Benedito Valadares, que logrou chegar ao final do seu mandato, apesar de duas pequenas revoltas militares (Jacareacanga e Aragarças). Sua fonte de apoio e do governo Goulart foi o Ministro da Guerra General Lott e seu grupo, cuja ação deve ser computada como tendo possibilitado esses governos e postergado o novo Ciclo Militar. A construção de Brasília, porém, exigiu muitos recursos, embora tenha criados muitos empregos, sobretudo na construção civil, e logrado desviar das grandes capitais as correntes migratórias do nordeste conduzindo-as

em direção ao Brasil central. No entanto, o Estado terminou o período JK numa situação fiscal e financeira lamentável, pagando ao funcionalismo em 7 parcelas num mês. A campanha sucessória foi marcadamente populista, sendo eleito o ambíguo Jânio Quadros que prometia varrer a corrupção do país. Tomou medidas conservadoras, imiscuiu-se em hábitos locais (por ex. proibindo as brigas de galo, uso do biquini, etc.) e finalmente condecorou Guevara. Depois de 7 meses foi obrigado a renunciar, mas, como tinha Goulart como vice, abriu-se uma crise política que levou ao Parlamentarismo tendo como Primeiro Ministro a Tancredo Neves. Goulart recupera seus direitos presidenciais através de plebiscito.

O governo Goulart, com um Congresso conservador e com grande presença das oligarquias, congregou as massas em grandes comícios e apoiou-se nos movimentos populares - entre os quais os que reuniam as massas urbanas, um sindicalismo atrelado ao Estado, novos movimentos camponeses, movimentos de “educação popular”. Lançou o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) que, utilizando-se do método Paulo Freire de Alfabetização, pretendia alfabetizar e politizar rapidamente as massas para que pudessem votar (desde 1882 o voto do analfabeto era proibido) e realizar - por via plebiscitária - as “reformas de base” (entre as quais a agrária). O populismo federal serviu como suporte a governos populistas estaduais e ao início das Campanhas políticas realizadas com assessoria de firmas caras e especializadas (Ademar de Barros, Aluísio Alves,

etc.)<sup>1</sup>.

O pós-guerra e a efervescência política do final dos anos 50 tiveram como atores importantes o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e os católicos radicais, estes organizados, em 1961, na Ação Popular (AP). No entanto, também eles se abrigaram sob a “tradução ideológica” do varguismo que dominou a cena até 1964. Segundo Weffort<sup>2</sup>, o populismo ideológico dos anos 50/60 se expressou teoricamente na ideologia desenvolvida pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado junto ao Ministério da Educação. Ali, entre suas diversas formulações, duas se destacaram: a inicial, espelhada nos amplos artigos de Hélio Jaguaribe<sup>3</sup>, escritos em 1952/53, e a final, consubstanciada no livro de Álvaro Vieira Pinto *Consciência e Realidade Nacional* (CRN)<sup>4</sup> (1960).

Jaguaribe e outros intelectuais que transitaram nas hostes integralistas e anti-varguistas vão evoluir para posições varguistas ou mesmo de esquerda, partem da influência de Raul Prebisch e da CEPAL, que introduziram na América Latina o keynesianismo e as ideias que embasaram o WFS. Eles tentam explicar a realidade brasileira dos anos 50 como uma transição entre uma sociedade agrária e uma sociedade industrial. Ora, para que esta transição fosse bem sucedida era preciso que a burguesia agrária fosse derrotada em eleições parlamentares e sua hegemonia substituída pela burguesia industrial. Para isso propunham uma aliança com as massas, que - diziam - só tinham a ganhar com empregos urbanos e

1 Ademar de Barros, político paulista, foi interventor de São Paulo entre 1939 e 1941, foi prefeito São Paulo e duas vezes governador do Estado, sendo candidato à Presidência da República em 1960. Depois de sua morte (1969), guerrilheiros do VAR Palmares e do VRP invadiram a casa de sua amante, arrombaram o cofre e levaram mais de dois milhões de dólares para financiar os movimentos. Entre os planejadores desta ação estava a Presidente Dilma Rousseff. Ademar era um populista muito próximo das massas, passando pelas hostes getulistas e militares, usando o slogan “Rouba, mas faz”. De fato, durante seus governos realizaram-se grandes obras em São Paulo. Aluísio Alves foi deputado e governador do Estado do Rio Grane de Norte. Adotou um tipo de populismo radical com sua “Cruzada da Esperança”, mobilização na qual cheguei a ver, pessoalmente, um homem carregando uma árvore (verde) numa passeata de Natal a Macaíba (18 km), em 1963.

2 WEFFORT, Francisco. “Política de massas.” In Otavio Ianni (ed.) *Política e revolução social no Brasil* (Rio de Janeiro, 1965). p.192.

3 JAGUARIBE, Hélio. *A crise brasileira*. Cadernos do nosso tempo. Rio de Janeiro, ano I, nr. 2, 1953, p. 120-160 e *A crise do nosso tempo e do Brasil*. Cadernos do nosso tempo. Rio de Janeiro, Ano II, nr. 2, 1954, p. 1-17.

4 VIEIRA PINTO, Álvaro.(1960) *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro, MEC/ISEB.

transformações das relações econômico-sociais no campo, alfabetizar o “povo” e conscientizá-lo desta passagem, para que seus votos para ela contribuíssem. Ou seja, as forças do progresso, um elite favorável à ampliação da indústria nacional, através de uma ação controlada pelo Estado e por ele defendida, para que não o país não fosse entregue ao capital estrangeiro, convenceu-se de que era possível conduzir as massas a votar nos candidatos que representavam o populismo e seu líder carismático. O isebianismo será, ao mesmo tempo, sua tradução e uma proposta.

Os intelectuais do ISEB foram marcados pela influência de hegelianos, de culturalistas alemães como Alfred Weber, de existencialistas como Jaspers, de Husseln e de Mannheim e pelo clima nascido da guerra da Argélia, que propiciou a leitura de Memmi e de Fanon<sup>5</sup>. Álvaro Vieira Pinto, tentou fundir ao nacional desenvolvimentismo ideias que circularam entre os jovens católicos nos turbulentos anos do final dos 50, dando ao isebianismo – segundo o Pe. Henrique Lima Vaz<sup>6</sup> – sua formulação final. Elas diziam respeito à idealização do povo, à solidariedade com as massas miseráveis e sofridas vindas do campo e que – naquele período – se estabeleciam na periferia das cidades (Recife, Rio, São Paulo), jogando luz sobre as condições de vida no campo e nas favelas. As fontes dos jovens católicos eram a Bíblia e autores franceses como Proudhon e Mounier<sup>7</sup>. O populismo clássico, no qual pesquisa-se a cultura popular para conhecê-la, valorizar o “povo” simples, as características nacionais, as formas de pensar e viver da população é algo que aparece nos séculos XVIII e XIX. Surge num período no

qual Estados Nacionais se afirmam, com correspondente reconhecimento de povos ou etnias e valorização dos camponeses. Foi assim nos Estados Unidos (movimento conservador de pequenos fazendeiros), na Suíça (pequenos produtores que exaltam a cultura do campo e recusam-se à urbanização), sobretudo na Rússia e em outros países, sempre ligados a movimentos do campo. Surge na América Latina somente quando da radicalização do pensamento social católico – ou seja, emerge ao mesmo tempo que o nacional desenvolvimentismo, do surgimento das ligas camponesas e bebe nas fontes do anarquismo e do existencialismo cristão. Nos países anteriormente citados eram movimentos de um campesinato altamente conservador, salvo no caso russo, que é bem mais complexo – porque tem ligação com a valorização dos eslavos e sua cultura (Herder), e também do estudo do barão de Haxenhausen (1847) sobre a comuna russa (mir)<sup>8</sup>. Vem da Alemanha a fundamentação daquilo que será conhecido como populismo russo, abrindo caminho para uma intelectualidade populista com Herzen, Lavrov, Chernysevskij e outros<sup>9</sup>. A abertura das universidades a setores populares propiciou o movimento de “ida ao povo”, duramente reprimido. A tradução precoce de O Capital na Rússia gerou polêmicas, como aquelas que permeiam os escritos de Lenin do final do século XIX e que desembocam no famoso artigo “quem são os amigos do povo?”<sup>10</sup>

Vieira Pinto era um erudito católico que encontrou no ISEB as teses em torno das quais costurar sua erudição. Aderiu às teses populistas não apenas no sentido tradicional (varguista, peronista)

5 Paul Ricoeur publicou, junto com a sua tradução do primeiro volume das *Ideen*, uma magnífica introdução que suponho ser a principal fonte de Husseln entre os isebianos Veja-se Husseln Edmond.(1950) *Idées directrices pour une phénoménologie*, Paris, Gallimard..

6 VAZ, Henrique de Lima. *Consciência e Realidade Nacional*. Síntese, Rio de Janeiro, ano IV, nr. 14, abr/jun.1962

7 O Veja-se o primeiro livro publicado sobre o tema, TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo, Ática, 1977. PAIVA, Vanilda, Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. Este livro trata amplamente das influências recebidas pelos isebianos.

8 HAXENHAUSEN, A.. *Studien über die inneren Zustände, das Volksleben und insbesondere die ländlichen Einrichtungen Russlands*. Hannover, 3. vols., 1847. Este livro existe na Biblioteca da Univ. da Frankfurt/M.

9 Sobre tais autores leiam-se os três clássicos volumes de VENTURI, Franco, (1952) *Il populismo russo*. Einaudi, Turim.

<sup>11</sup>, mas no sentido clássico (induzindo a verdade do povo, valorizando sua cultura e seus conhecimentos, na segunda metade dos anos 50). Para tanto, ele sequer precisou das fontes utilizadas pelos católicos progressistas porque conhecia profundamente o romantismo alemão e suas consequências (como o populismo russo).

Uma vez publicado seu livro *Consciência e Realidade Nacional* e já nos anos 60, alçado à direção do ISEB (já depurado de muitos de seus intelectuais iniciais, que passaram à política partidária ou foram alijados como “entreguistas”<sup>12</sup>) num clima de radicalização em que o PCB e a Ação Popular ocupavam posições elevadas e necessitavam de um setor “auxiliar”, mas não militante, Vieira Pinto coloca o ISEB à disposição desta aliança que pensa tomar o poder e que sua formulação compatibiliza. É assim que o ISEB chega a ser a primeira instituição a ser fechada depois do golpe militar de 1964.

*Consciência e a Realidade Nacional* de Vieira Pinto tem como peculiaridade entrelaçar as versões dos populismos. O populismo clássico, no qual pesquisa-se a cultura popular para valorizar o “povo”, as características nacionais, as formas de pensar e viver da população e que surge quando da evolução do pensamento social católico,

quando a maioria da população brasileira ainda estava no campo e a grande migração urbana era muito recente, de modo que os migrantes mantinham muitas das características culturais do campo.

Se as teses do nacional desenvolvimentismo são racionais, apoiadas sobre o trabalho categorial, do outro lado, o apelo populista deita raízes na adesão emocional, irracional, “autêntico”, visando não a manipulação, mas a expressão das massas. Vieira Pinto vai buscar somar ao racionalismo o romantismo, remetendo de forma implícita à ambiguidade do período do Sturm und Drang no final do século XVIII. Defende as teses do nacional desenvolvimentismo, mas traz ideias também de Hamman<sup>13</sup> (o mago do Norte) e de Herder<sup>14</sup> - que defendem a fé, o sentimento, a paixão, o instinto, a autonomia e a liberdade (contra as leis), a imaginação e a genialidade (contra as regras), a intuição. A sabedoria seria fruto da árvore da vida e não do conhecimento. Os direitos do povo se apoiam no seu próprio poder de conhecimento – pensamento e linguagem profundamente populares, ancorados “na própria natureza do homem”, na sua intuição, na empatia. A essência da cultura de um povo seria a realidade vivida, a cultura popular. Do mesmo

10 No final do século XIX, a principal polêmica de Lenin foi contra o populismo, em especial na versão econômica dada por Sismondi, até desembocar no famoso artigo “Wer sind die Volksfreunde?” (Lenin Werke, Berlin, Dietz Verlag). A questão econômica central dos teóricos populistas diz respeito ao papel do mercado interno para o capitalismo e a catástrofe que poderia significar a ruína do campesinato pois ele implicaria numa redução do mercado. Para acompanhar a polêmica leia-se em Lenin Werke, vol 2, Berlin, Dietz Verlag, os textos. Zur Charakteristik der ökonomischen Romantik (p. 120-264) e Perlen volkstümlicher Projektmacherei (p. 469-500) e Auf welches Erben verzichten wir? (p. 502-547). Semelhanças não são meras coincidências. O Brasil nunca foi um país com economia apoiada sobre o campesinato, mas o movimento camponês começou em Pernambuco nos anos 50 – ao mesmo tempo que o isebianismo e a discussão nacionalista/industrialista. A Igreja tinha seu passado de verdadeiro poder espiritual e temporal sobre sociedades camponesas e é natural que este tipo de populismo no Brasil tenha aparecido e grassado entre leigos católicos, muitos dos quais se tornarão militantes de organizações marxistas. O sentido contrário, buscando intervir no mundo camponês e industrializar rápido o país, tomado por Lenin e levado às últimas consequências por ele e por Stalin, não deu bons frutos.

11 Há uma grande bibliografia de análise do populismo, realizadas em especial por argentinos. Veja-se Germani, Gino. *Política y Sociedad en una época de transición*, Buenos Aires, 1965; di Tella, Torquato, *Populism and Reform in Latin America*. IN: Véliz, C, *Obstacles to change in Latin America*, London, 1970; Laclau, Ernesto. *Política e Ideologia na Teoria Marxista*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

12 O exemplo mais forte da depuração foi a expulsão de Jaguaribe, devido a seu livro de 1958. Ela mostra tanto o clima de radicalização do período quanto funciona como um marco entre o primeiro e o segundo isebianismo. JAGUARIBE, H. *O Nacionalismo na Atualidade Brasileira*, Rio de Janeiro, MEC/ISEB, 1958.

13 BERLIN, Isaac (1993). *Le Mage du Nord – critique des Lumières*. Paris, PUF

14 HERDER, Johann Gottfried (1893). *Stimmen der Völker – Volkslieder*. Gesamte Werke. Erster Teil, zw. Abteilung. Eingeleitet u. Hrsg. von Dr. Henrich Meyer, Stuttgart, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, Deutsche National Literatur, Band 74,2. Göttingen.. Ver também LE BLANC, Charles/ MARGANTIN, Laurent/ SCHEFFER, Olivier.(2003). *La forme poetique du monde*. Antologie du romantisme allemand. Paris, José Corti

modo, o progresso de nada serve se não se torna prática social, se as ideias de bem estar do povo não são aplicadas, se não se transformam em justiça social e virtude política. A moral suprema seria sempre aquela do coração.

Vieira Pinto enfatiza a necessidade de conscientizar o povo e propõe conceitos como “consciência ingênua” e “consciência crítica” capazes de servir a setores liberais, aos comunistas e à esquerda católica, permitindo que esta bandeira chegasse a nossos dias – seja de uma forma direta na pedagogia de Freire, seja difusamente na forma de bolivarianismo, de lulismo e de todos os derivados continentais do estruturalismo cepalino e do novo populismo latino-americano. O nacional desenvolvimentismo justifica e é justificado por todas as versões do populismo, tornando difícil escapar do círculo vicioso em que a democracia nasce do povo, mas este já recebe pronto o macro modelo, o que deve pensar, como deve agir e reagir. Em suma, ele compatibiliza autoritarismo com basismo: a vanguarda pensa, mas induz do povo este pensamento. Um populismo cujo fundamento continua sendo irracional e manipulador, mas que se liga mais concretamente às necessidades das massas, lançando mão – 70 anos depois – de um modelo econômico que não podia ser autenticamente keynesiano, mas que ainda se apoiava sobre a demanda, o consumo de massas e a regulação do Estado.

O golpe de 1964 leva ao poder militares reeducados no pós-guerra em West-Point, vivendo o clima da guerra fria. Ali parecia ter fim o ciclo populista brasileiro, ceifado pelo golpe. O regime militar colocou na prisão um grande número de intelectuais, militantes e líderes de partidos favoráveis a Goulart – mas o fez à brasileira: saíram das prisões após um acordo verbal que os obrigava a asilar-se numa embaixada (da Suécia, do México, do Chile e de outros países). As cenas cruéis foram iniciativas pessoais (como no caso de Gregório Bezerra) e a repressão inicial

realmente violenta foi sofrida pelas massas no campo. Este regime nada teve de populista, mas tomou algumas importantes medidas “benéficas às massas” como forma de obter apoio eleitoral a seu partido, contrapor-se à oposição em geral e, em particular, à guerrilha (Estatuto da Terra, aposentadoria rural não contributória, Projeto Rondon, Mobral). Muitas delas vem no rastro da mudança de rumo sofrida a partir de dezembro de 1968 e da grande repressão que se abate sobre o país com prisões, tortura e mortes e que dura, pelo menos, até 1975. A classe média recebeu muitas benesses (como o financiamento habitacional). Mas, a orientação geral era a manutenção do que foi considerado um “nacionalismo corrompido” e do desenvolvimentismo liberal – os símbolos mais claros desta política nacionalista-patriótica foram a fracassada Transamazônica e a o controle de Geisel sobre a Petrobrás. O governo militar financiou as destilarias de etanol (carro a álcool) em 1970, os núcleos de colonização rural, a reforma Universitária de 1968 (que, comparada às posteriores, ainda foi a mais razoável), incentivou amplamente o agro-business e a ocupação do território. Mas o regime não sobreviverá à crise econômica do final dos anos 70 e início dos 80.

As alianças pré-64, porém, sobreviveram à luta contra a ditadura, à clandestinidade e ao exílio, formando opositores capazes de levar adiante um novo Ciclo Populista. A Ação Popular, impulsionada pelo espírito das Comunidades de Base (CEBs), leva ao ápice sua radicalização, com seus líderes se transferindo às periferias e se convertendo em operários, com sua passagem ao marxismo de tinturas maoístas e trotskistas. Desde 1966 Guevara conclamava à luta armada rural na Bolívia e a reunião da Organização Latino-americana de Solidariedade (OLAS) em Cuba, 1968, expôs a fratura do velho PCB, com Mari Ghela partindo para a luta armada urbana. Na política institucional as forças de oposição con-

gregam-se principalmente no Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e se acomodam sob o protetor guarda chuva da Igreja. O ideário geral era anti-autoritário, anti-militarista, nacionalista, desenvolvimentista, socialista (no sentido de contrário às injustiças e desigualdades), havendo espaço para todas as orientações à esquerda.

Neste contexto a Igreja cria ou redireciona diversas instituições que – não tendo acesso a recursos do Estado - funcionarão com doações católicas e protestantes, sobretudo europeias. A Igreja Católica formava agentes de pastoral, estimulava atuação no campo para que o Estatuto da Terra (1966) fosse cumprido, ajudando aos camponeses expulsos de suas terras a buscar seus direitos e aos operários a se organizar em sindicatos cada vez mais fortes, em especial na periferia de São Paulo. Neste movimento, surge a liderança carismática de Luiz Inácio da Silva – ex-migrante nordestino, operário metalúrgico no final dos anos 70 – que absorveu toda esta mescla de alianças profundas ao longo de muitos anos de ditadura. Enquanto isso, no nosso vizinho em ebulição, a Argentina, surgia o modelo marxista-peronista. Eduardo Galeano tentava nos explicar (verbalmente, a um pequeno grupo em 1971)<sup>15</sup>, como era possível a aliança entre peronistas e marxistas. Já nos anos 80, o movimento indigenista ganha força e é penetrado pela mesma aliança. No Brasil ele foi carregado, naquela década, pelos antropólogos que conseguiram inserir na Constituição de 1988 a demarcação das terras indígenas, dando o prazo de 10 anos para que fosse efetivada. Como movimento indígena foi vencido no interior da revolução mexicana de 1910, mas chegou ao po-

der décadas depois nos países majoritariamente indígenas (Bolívia, Guatemala, Equador).

Quando da Lei da Anistia e o retorno dos exilados em 1979 merece menção a rapidez com que se reorganizaram as forças herdeiras do getulismo. O herdeiro natural Leonel Brizola, cunhado de Goulart e governador do Rio Grande do Sul em 1964, que ameaçou resistir ao golpe com sua Cadeia da Legalidade<sup>16</sup>, retornou de Portugal e fundou o Partido Democrático dos Trabalhadores (PDT). Com uma política populista foi eleito governador no Rio de Janeiro e, como tal, partiu – junto com Darcy Ribeiro – para uma política autoritária e populista, cuja face mais visível foram os Brizolões<sup>17</sup>. O PDT logrou conquistar também o poder estadual no Estado de Brizola-Goulart-Vargas (Rio Grande do Sul), no qual - na mesma cadeia de alianças -- teve como secretária de Estado uma ex-guerrilheira trotskista chamada Dilma Rousseff.

A redemocratização federal foi o ponto culminante de uma grande mobilização nacional – mas, foram fechados compromissos, entre os quais a eleição indireta para a Presidência, com candidaturas em aliança. O Presidente Tancredo Neves, não sobreviveu até o início do mandato; seu vice, José Sarney era um homem dos militares e aceitou o poder e a pressão decisiva naquele ambiente de perplexidade parece ter sido o telefonema do Ministro da Guerra Gen. Leônidas Pires Gonçalves, escolhido por Tancredo Neves. O Movimento Democrático Nacional (MDB) indicou ministros e quadros intermediários, os quadros foram misturados com aqueles que serviram à ditadura e seus derivados (Partido da

15 Reunião de Eduardo Galeano com intelectuais no Rio de Janeiro em 1971

16 Visto 50 anos depois, é interessante como, naquela época, se avaliava mal a posição dos militares. Até o último momento as forças que apoiaram o governo Goulart esperavam a adesão do Gen. Amaury Krüger, comandante da Região Sudeste. Esclarecida a posição pró-militares, não era mais possível uma oposição armada a partir do Rio Grande do Sul. O movimento militar foi iniciado em Juiz de Fora e seu comandante, Gen. Mourão Filho, foi entrevistado pela televisão e, para acalmar os ânimos, disse não ser mais do que uma vaca fardada.

17 Os Brizolões foram enormes escolas desenhadas por Oscar Niemeyer que deveriam oferecer escola em tempo integral e que foram o carro-chefe do programa Brizola. Em pouco tempo passaram a ser rejeitadas pela população pobre que se sentia discriminadas por seus filhos os frequentarem.

Frente Liberal - PFL). As políticas tiveram uma forte marca da oposição ao regime militar – embora existam ainda hoje indícios não explicados de resistência da direita, em Pernambuco (estado tradicionalmente oligárquico e dedicado à produção da cana de açúcar), como a explosão do avião em que se encontrava o Ministro da Reforma Agrária Marcos Freire e toda sua equipe, que estancou qualquer reforma nesta área. Entre as muitas mudanças as mais relevantes foram aquelas tentadas na área econômica. O Plano Funa-ro (1986) era tipicamente produto da ideologia nacional-desenvolvimentista: congelamento de preços e câmbio, reforma e fim da correção monetária generalizada, antecipação de reajustes salariais com gatilho automático sempre que a inflação chegasse a 20%. As tentativas de controlar o fracasso deste plano de cunho keynesiano (Planos Bresser e Verão) levaram à falta de mercadorias e à hiperinflação, mas é certo que neste período iniciou-se a constante elevação do gasto social e o atendimento a reclamos da população.

O cenário abriu caminho para o aventureirismo de Collor de Melo e ao primeiro processo de impeachment na história brasileira. Por detrás da cena política estavam as “sobras” da campanha (no valor aproximado de 52 milhões de dólares) e sua utilização. Assumiu a Presidência um vice sensato, interiorano: o mineiro Itamar Franco. O Plano Real (1994) e o estrangulamento da inflação levam ao poder Fernando Henrique Cardoso

(1995-2003), já efetivada a cisão do PMDB, que ficou com grande segmento de sua parte fisiológica, e a criação do PSDB, que chegou a congregar, ambigualmente, liberais e uma parte da esquerda de várias colorações. Sua campanha televisiva e de grande apelo emocional já foi milionária em 1995 e seu programa setorial era apoiado nas recomendações do FMI e do BIRD. FHC começou este primeiro governo paulista desde 1929, com equipe vinda de São Paulo e grande desconfiança de quadros provenientes de outros Estados, punindo drasticamente a liderança da greve na Petrobrás e passando a ideia de uma leitura estrita e pragmática de Maquiavel. Foi um governo anti-populista que queria reformar o Estado liberando-se de uma parte dos funcionários de carreira, desmoralizados nos discursos e acusados publicamente de serem “vagabundos”, propondo a privatização da administração através da contratação de Organizações Sociais privadas (OS)<sup>18</sup> e praticando uma ampla privatização do ensino superior<sup>19</sup>, além dos grandes monopólios estatais<sup>20</sup>. No entanto, ao pretender estender seu projeto e manter-se no poder FHC marcou um novo momento ao negociar a Emenda Constitucional que permitiria sua reeleição em 1998. Aí se torna visível a extorsão de recursos<sup>21</sup> para a compra de votos de congressistas, a arrecadação de fundos pelos participantes do governo para campanhas milionárias.

A eleição de Luiz Inácio da Silva em 2002 encheu a esquerda de esperanças, num quadro de alian-

18 Organizações Sociais (OS), que substituíram as ONGs como instrumentos de políticas sociais. Em favor de muitas delas, o governo privatizou serviços – especialmente no setor saúde, que se tornou fonte de grande corrupção. A ideia foi vendida a FHC por Jacob Klingsberg e realizado um seminário para defendê-la. Defendi a tese contrária, por temor à corrupção que isso geraria (e gerou). Na leitura do texto, foram chamar Klingsberg no hotel. Paiva, V/ R. de Oliveira, I. A Formação do Policy-Maker na Era Pós-Keynesiana. Doc. orig.1996.

19 A política de privatização do ensino superior começou no governo militar em 1969 para dar uma resposta ao slogan do movimento estudantil “mais vagas”. Financiaram, porém, a transformação dos grande e bons colégios secundários em Universidade. Um política privatista consequente começa no governo FHC.

20 FHC privatizou dois grandes símbolos do nacionalismo: a Companhia Siderúrgica Brasileira (CSA) e a Vale do Rio Doce, que extraía o minério necessário à CSN e outros. Abriu a possibilidade de concessões a firmas estrangeiras na área do Petróleo, mas a Petrobrás resistiu como exemplo do nacionalismo brasileiro;

21 Certamente ocorreu em diversos setores, mas o único do qual tive testemunho foi a arrecadação por intermédio de Paulo Renato de Souza, Ministro da Educação; Isto ocorreu numa conversa social com o vice Reitor de Universidade penalizada por não ter concordado com o pagamento de 20% dos recursos a serem emprestados pelo Fundo MEC/PNUD.



ças do período em que se travou a luta de oposição à ditadura. Forças católicas associaram-se ao conjunto da esquerda, aos partidos maoístas (PCdoB), a muitos grupos trotskistas, ao brizolismo e ao fisiológico PMDB. O PT já nascera como um partido heterogêneo, com retórica marxista e origem no sindicalismo cristão. O Programa inicial de Lula foi visto por alguns como influído pela Nova Política Econômica (NEP) leninista, ou seja, socialismo com economia de mercado. Face à crescente fragmentação do quadro partidário, consequência de diversos problemas na legislação, seu governo ampliou o espectro de alianças que deram alento àquelas puramente eleitorais, com pequenos grupos defendendo interesses particularistas. A fragmentação contribuiu para a redução do nível de qualidade e moralidade dos candidatos não só no plano federal, mas também a nível municipal e estadual. Nenhum grande nome ou liderança nacional floresceu e cresceu no período e muitas das que já existiam foram alijadas ou caíram no descrédito pelos processos anteriores de distribuição de dinheiro entre parlamentares, visando constituir a maioria do PSDB e, em seguida do PT (Mensalões)<sup>22</sup>. Mas, ao distribuir os cargos-chave, Lula entregou os mais importantes deles (1.) a Casa Civil, a José Dirceu, ex-dirigente estudantil, ligado fortemente aos cubanos, ex-parlamentar com vários mandatos e Presidente Nacional do PT (2) e o Ministério de Minas e Energia a Dilma Rousseff, sob cuja autoridade se encontrava a Petrobrás. Esta substituiu José Dirceu na Casa Civil, quando aquele teve que se afastar por denúncias de corrupção. Em 1999 FHC, com a legitimidade de provir de família de militares, havia agregado todas as forças armadas num só Ministério

comandado por um civil. Mas, é no final do governo Lula que o Ministério passa a ser comandado por militantes de esquerda e, no governo Dilma Rousseff, por ex-guerrilheiros. O próprio PT passa a ser dirigido por um ex-guerrilheiro da VAR-Palmares.

Por outro lado, ele buscou assegurar sua lealdade ao sistema e obteve confiança com a nomeação dos titulares da área econômica, prosseguimento de uma política de privatizações mais amena e elevação das reservas internacionais. No plano econômico, Incorporou a orientação e programas dos governos FHC - inflação, crescimento e desemprego mantiveram-se em patamares aceitáveis, contando com a conjuntura internacional excepcionalmente favorável à exportação de produtos primários. Como nos governos civis anteriores, manteve-se na linha do apoio ao agro-negócio de grandes proporções, herdado dos militares. Mas, embora a população se tivesse urbanizado e o país não detenha grande tradição de pequena agricultura rentável, o Movimento dos Sem Terra (MST)<sup>23</sup> foi fortemente apoiado, funcionando como tropa de choque do governo. A política exterior, por seu lado, deu uma guinada e centrou-se na América Latina, com alianças com líderes populistas-marxistas (Argentina, Venezuela, Bolívia, Paraguai, Equador, Uruguai, Cuba) e com investimentos em países africanos de língua portuguesa e também da América Latina (Cuba, Venezuela). A tradição diplomática brasileira é, desde há muito, pró-árabe. Mas, mostrou-se, em membros do governo, certo antissemitismo.

Quanto às políticas sociais, embora o Programa Fome Zero, que pretendia mobilizar as massas em favor dos mais necessitados, tenha fracassado,

22 Houve processos de apuração de compra de votos parlamentares pelo governo para aprovar seus Projetos, que se pagavam mensalmente, tanto nos anos FHC quanto nos anos Lula.

23 Houve grande mobilização camponesa nos estados de Pernambuco e da Paraíba nos anos 50/60 e 70 e defesa dos pequenos agricultores com a criação da Pastoral da Terra. O Movimento dos Sem Terra é mais recente e deriva do oeste dos estados do sul, onde a imigração polonesa (e outras) manteve a tradição de dividir as terras entre os filhos. Depois de poucas gerações, estas regiões transformaram-se em áreas de minifúndios. Eles migram para noroeste (Mato Grosso do Sul, Rondônia), mas uma parte funda o MST, movimento radical que faz ocupações e tem suas próprias escolas, nas quais se começa cedo a formar militantes.

ele foi substituído pela reunião de programas de ajudas anteriores fragmentadas no Bolsa Família ( Cestas Básicas são antigas, o Bolsa Escola é de 2001 - FHC tal como auxílio gás e outras formas de transferência de renda)<sup>24</sup>. Já o Luz para Todos (2005), um programa de grande êxito, iluminou e deu grande alento ao interior, permitindo mais tarde a utilização da eletrodomésticos e celulares. O já antigo PROUNI e o FIES possibilitaram a manutenção do acesso dos jovens à universidade privada sem tocar na política privatista acionada por FHC<sup>25</sup>, mas um número significativo de Universidades públicas foram criadas, foram aceitas progressivamente as quotas, conduzindo a relativa democratização do ensino superior, mas sem programas compensatórios à baixa qualidade do ensino médio obtido pelas camadas populares. Em 2009 criou-se o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) <sup>26</sup>, devido aos baixos níveis de investimento em infraestrutura e, no final do mandato, pelo déficit de habitações e pressão da construção civil, cria-se o Programa Minha Casa, Minha Vida<sup>27</sup>. Estes programas são uma mistura do programas pré-existentes e recentes, alguns com tinturas populistas eleitorais, com ajustes e oferta de possibilidades que atendiam regiões em que Lula tinha grande peso eleitoral (como o Nordeste). No entanto, nas áreas sociais que a população considerava e considera prioritárias (mas, eleitoralmente invisíveis, como saneamento e saúde) e ainda na segurança (que pode parecer repressiva) o investimento não foi tão importante. É certo que diversos programas de

saúde funcionaram até o início da crise, mas embora alguns medicamentos tenham passado a ser distribuídos, os preços da maior parte deles mantiveram-nos inacessíveis à maioria da população. A administração da saúde passou às OS desde FHC, gerando corrupção desenfreada e destruturação dos hospitais públicos. Tais processos e resultados ainda não foram investigados.

Lula manteve sua comunicação com as massas sem intermediários nem competidores e radicalizou este aspecto do populismo. Sua imagem foi cuidada pela Secretaria de Comunicação Social. Enquanto Vargas, Goulart, Brizola e demais líderes populistas eram pessoas relativamente educadas e austeras (como Vargas), Lula era e pretendeu ser um líder popular, cuja cultura é tão (ou mais) valiosa que aquela dos segmentos educados. Por isso, ele governou durante oito anos falando um português "popular", com erros, deixando vazar que gostava (e muito!) de cachaça, entre muitos exemplos. Mas ele certamente tornou-se imbatível na comunicação dizendo, por exemplo, ao microfone a alguém na massa que o aplaudia: Espere só um momentinho que eu já vou aí lhe dar um beijo! Assim se juntam os dois populismos: fácil relação direta e descaso com a elevação do nível cultural da população, não como um acinte às massas, mas por motivos ideológicos ligados à sua valorização. Este último populismo penetra o sistema educacional já no primeiro grau e atinge a pós-graduação: o professor deve aprender com o aluno, com suas condições de vida, com sua cultura da pobreza e

24 Os programas de transferência de renda iniciados no governo FHC eram parte do pacote do BIRD. Foram aceitos como recomendação técnica e colocados em ação nos Estados Unidos na administração Lyndon Johnson, como a melhor maneira de combater a pobreza.

25 O programa privatista de FHC veio feito do BIRD. No entanto, como sua filha fazia doutorado com Cesar Coll na Espanha, ele a ela entregou a Reforma Curricular.

26 A corrupção em larga escala na Petrobrás explica-se pelo seu grande valor e recursos manipulados pela maior empresa do país, mas seu lado simbólico nacionalista não foi considerado. Dentro dela, o sindicalismo havia sido duramente atingido por FHC. Os projetos bilionários do Programa de Aceleração do Crescimento (usinas hidro elétricas, atômicas, transposição do São Francisco, Furnas, etc.), onde também se investiga a corrupção, inicia-se em 2009.

27 Há que entender o caráter relativo do déficit habitacional. Tradicionalmente, a ocupação das praias era deixada aos escravos, devido à grande quantidade de mosquitos, No crescimento das cidades a tradição reza permitir a ocupação dos morros pelos pobres que ali se estabeleceram, construíram eles mesmos suas casas e frequentemente mandavam (mandam ainda) chamar o resto da família no Nordeste. Por isso há uma enorme porcentagem da população que vive em casa própria.

não querer impor-lhe uma cultura erudita, nem sua autoridade. O método de alfabetização Paulo Freire<sup>28</sup> torna-se um sistema de educação popular (da população) levando Vieira Pinto aos confins do país e do mundo, penetrando a educação indígena, deixando de lado apenas os colégios e universidades para as elites capazes de pagar caro ou por enviar seus filhos ao exterior. Isto se complementa, paradoxalmente, com muitas universidades oferecendo cursos – em especial nas áreas de educação e serviço social – cujo núcleo é ainda a formação da sociologia dos anos 70, sendo incontestável que o conteúdo básico é de *Das Capital*, certamente a parte mais fácil de ser assimilada na obra de Marx<sup>29</sup>. Passou-se a sair de Universidade conhecendo quase que só isto<sup>30</sup>. O resultado de tantos anos deste tipo de política pode se visto facilmente: professores, parlamentares, jornalistas televisivos erram nos plurais, nas concordâncias, o infinitivo pessoal deixou de existir e consideram tudo natural porque toda a sociedade foi penetrada pela ideia de que não existe certo ou errado. Como poderia ser certa a norma culta, se não foi estabelecida pelo povo?. Um país com muitos dialetos como a Alemanha e um alemão “elevado” (Hochdeutsche), criado por Lutero, consideraria estar voltando à Idade Média, pois, nesta pátria do romantismo (gerado pela aristocracia culta e pela *Bildungsbürger-*

tum), pretendia-se simplesmente reconhecer a riqueza da cultura de outras épocas. Fomos mais radicais que alemães e russos....

Na divisão de poderes existiam aqueles que acreditavam ser possível manter-se no poder através de eleições, por apelo populista e por bom desempenho do governo, mas era preciso ter recursos para campanhas milionárias. Existiam também aqueles que pretendiam capitalizar o PT para eventual tomada do Estado<sup>31</sup>. Em qualquer caso, a corrupção passou a cumprir mais incisivamente seu papel tradicional: prover eventuais projetos políticos e enriquecimento pessoal. Pretendendo ou precisando atender a todos o governo terminou num grande comércio, onde tudo era objeto de uma negociação tornada normal e aberta que ia dos Ministérios e todo o conjunto de cargos intermediários, antes ocupados por funcionários de carreira, aos cargos de direção especializados e ao conteúdo da legislação. Este processo certamente existiu e existe em todos os governos de todos os países, mas tornou-se generalizado, natural e público. A emenda constitucional que permitiu a reeleição de FHC abriu as portas à sua justificação, pela prática intensiva de compra de votos parlamentares e obtenção de fundos pela extorsão, no final do primeiro mandato FHC.

A corrupção tradicional, sistemática e endêmica

28 Sobre este autor, que se tornou famoso em todo o mundo, por vezes até no meio universitário, há uma imensa bibliografia. Tentei esclarecer a origem dessas ideias em Paiva, Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista. *op.cit.* e também em Paiva, V. Paulo Freire e o pragmatismo americano: o risco das afinidades na história das ideias. In: Paiva, V/Trajano, J. *Pensamento Social Brasileiro*. São Paulo, Cortez, 2004.

29 A primeira tradução de um texto de Marx é de 1968. Nos anos 70 a Editora Civilização Brasileira publicou *O Capital*, cujo primeiro volume foi muito lido. De resto, o marxismo que domina muitas universidades e cursos é de segunda mão, absorvido através do “velho” Luckács e de discípulos como Mézaros. Absorve-se não o Luckács culto de “História e Consciência de Classe” mas o da *Ontologia do Ser Social*, publicada nos anos de 1970, produto difícil de seus muitos anos de estalinismo que chegou ao Brasil já no século XXI. O Marx “jovem” é pouco lido e mesmo o mais didático dos trotskistas (Ernst Mandel) é pouco conhecido.

30 Chegou-se a afirmar que havia um curso de marxismo (a pós-graduação em Serviço Social) na UFRJ. A pressão durante os últimos anos foi de tal ordem que, eu mesma assisti a Professores de áreas outras, assistindo aulas no seminário obrigatório de Curso de Pós-Graduação da UERJ, para dar o curso no semestre seguinte.

31 Existem muitas experiências de tomada do Estado a partir dos conflitos e radicalizações populistas. Neste período deu-se uma conjuntura especial – governos populistas no Brasil, Argentina, Uruguai, populistas-bolivarianos na Venezuela, populistas-indigenistas na Bolívia, Paraguai, Equador, Nicarágua, Guatemala. Condições que talvez pudesse se enquadrar no modelo trotskista: revolução permanente e em vários países simultaneamente. Para quem tenha sonhado com tal modelo, foi uma oportunidade e uma conjuntura desperdiçadas. Lembremos que Trotsky, durante o processo da revolução russa, tentou, junto com Zinoviev, provocar a revolução na Alemanha a partir de governo de esquerda eleito em Halle. Fizeram não só *Agitprop*, mas distribuíram armas pelo Estado de Saxe (1923).

parece ter-se ampliado, com percentuais e chantage nos contratos do governo, em especial nas grandes obras e nas grandes empresas. Foi visível no MEC e outras partes do governo FHC, difundiu-se amplamente e como natural nas camadas superiores do governo – e seu cimento foi penetrando outros segmentos da burocracia e da sociedade (como ensinava Althusser). Lula e sua família adotaram práticas igualmente correntes na sociedade, mas foi um processo muito amplo que se aprofundou neste começo de século, vindo à tona no período Rousseff. Tornou-se ainda mais comum parlamentares venderem emendas às leis, membros do governo venderem Medidas Provisórias, cobranças de porcentual para obtenção de contratos em obras licitadas, negociação de qualquer relação com o Estado. E se as obras públicas são superfaturadas, se são mal construídas para elevar os lucros, nada mais natural que as ideias que comandaram este processo escorram de cima para baixo. E que tantos vejam, a ação da Justiça como um golpe, trata-se de cegueira ideológica ou defesa de interesses. Quanto à preocupação em relação ao futuro e ao novo(s) governo (s), ela é generalizada: as forças em presença são as mesmas, o país passa por uma crise ética, não há renovação de quadros e a reforma política é urgente (mas não certa). Verdadeiros criminosos se apossaram da direção do Congresso.

O poder discricionário no interior do PT revelou-se na escolha de Rousseff, que jamais disputara uma eleição, como sucessora de Lula. Este agiu como um coronel tradicional, tirando um nome da cartola e impondo-o à nação (Vargas foi, certamente, mais sutil ao designar seu herdeiro). Mas, com isso, assegurou a lealdade do próximo governo e estancou a luta no interior do PT. Este exemplo também serviu para estimular e ampliar

a prática coronelística tradicional de fazer eleger filhos, sobrinhos, parentes em geral – ou seja, retornamos, no que concerne ao Parlamento, a um Brasil sem renovação das elites, e com representantes menos educados.

Dilma Rousseff, arrogante no trato e inexperiente em negociações, manteve a maioria dos programas de Lula. Economista e brizolista, porém, tentou dar a marca de seu governo por um esboço final do nacional-desenvolvimentismo. Não era um líder de massas mas, deste ponto de vista, estava apoiada em Lula, também não tinha temperamento para lidar com os congressistas e demais interlocutores. Tornou-se uma presidente próximo apenas de poucos escolhidos, gerando muito descontentamento. Deu ênfase ao PAC como projeto de desenvolvimento nacional orientado e financiado pelo governo e a Minha Casa Minha Vida, além de fazer mudanças na área educacional, subsidiou amplamente algumas indústrias, em especial a automobilística, contando com a extração do pré-sal, visando popularizar o automóvel e dar acesso à linha branca.<sup>32</sup> O tom nacionalista foi dado pelo monopólio do pré sal e possivelmente a Petrobrás foi considerada suficientemente robusta para suportar a busca de recursos de campanha e outros.

Mas, se a Era Lula foi um tempo de bonança, durante a Presidência de Rousseff, o governo federal sofreu com a redução das exportações de produtos primários, a queda do preço internacional do petróleo, uma seca excepcionalmente dura e o mesmo ocorreu também com Estados e Municípios, já acostumados a gastar também de forma imprevidente. A incapacidade de ajustar os gastos à nova situação econômica, as pressões advindas de alianças puramente eleitorais e fisiológicas, o aparelhamento dos quadros do Estado (pelos partidos aliados, mas principalmente pelo

32 A população pobre das favelas prefere, ao invés de terminar a parte externa da casa, dotá-la dos aparelhos da chamada linha branca (fogões, máquina de lavar, televisores, etc.). É hábito que cada morador da casa, empregado, pague as prestações de pelo menos um aparelho.

PT) e o autoritarismo/centralismo com que passaram a ser tomadas as decisões foram fatores que levaram abaixo o nível técnico em que eram tratados os problemas. A ideia de que “pode tudo” ( cf. gravação com o ex-chefe da Casa Civil e Ministro da Educação do governo Rouseff, Aluísio Mercadante) conduziu à maquiagem de dados e à chamada “contabilidade criativa”<sup>33</sup>. A inflação saiu de controle, o crescimento caiu até tornar-se recessão, com índices negativos por três anos, o pleno emprego deu lugar ao um desemprego acima de 10%, apesar dos altos níveis de informalidade.

Gastos além do orçamento conduziram a mecanismos que descapitalizavam os Bancos Oficiais (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) fazendo-os pagar pelos programas e reembolsando-os via Tesouro somente imediatamente antes da virada do ano<sup>34</sup>. Este foi o mecanismo que, em anos passados, fez desaparecerem os Bancos Estaduais. A política industrialista calçada na renúncia fiscal e de subsídios contribuiu para a queda da arrecadação. A política bancária, em geral, manteve-se com juros muito elevados e transferência de serviços aos bancos privados. Mas, como sempre acontece em governos populistas reformas são feitas na área educacional. O país contava, desde Vargas, com uma excelente rede de Escolas Técnicas Federais que não agradavam a FHC porque seus alunos venciam facilmente as provas para a universidade, quando deviam ser técnicos com ensino secundário. Na sua gestão começou sua transformação em Centros de Educação Técnica Superior,

mantendo-se aí ensino secundário, graduações e pós-graduações. O governo Dilma os transformou em Institutos Federais de Educação, cada um dos quais desdobraram-se em campi nas cidades próximas, também sendo criados novos, amplamente difundidos. Eles passaram a oferecer todos os níveis de ensino (salvo o fundamental) e agregaram breves cursos técnicos (até mesmo de 160 horas) para formar profissionais para um suposto mercado demandante. A eles se somou o PRONATEC, programa de capacitação profissional nos moldes do PLANFOR<sup>35</sup> (Ministério do Trabalho - governo FHC), que possibilitou ao SENAI/SENAC (Sistema S), organismo da Confederação Nacional da Indústria - CNI) engolir a maior parte dos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Esta continuidade através do PRONATEC, apesar do consenso subterrâneo sobre o resultado negativo em sua origem, tomou um caráter muito similar: os cursos podem ser oferecidos por OSs, mas também o são pelos próprios Institutos Federais e, em sua maioria, pelo sistema S. Num mundo que exige cada vez mais formação geral, domínio de idiomas, matemática, etc. o Brasil tomou a direção contrária.

O déficit elevado gerou problemas para a votação do orçamento e levou à apreensão pela gestão temerária e por vazamentos de medidas evocadas (como o uso das reservas para cobrir o déficit, que deixou as elites e o país assustados), provocando crescente falta de confiança. Os baixos preços do petróleo contribuíram para a crise, mas foi o descalabro da Petrobrás que se tornou o centro da discussão. Desde março de

33 Os últimos governos militares tentaram maquiagem de dados através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mas voltaram atrás diante da resistência de seu diretor Isaac Kerschneviski.

34 Foram apelidadas de “Pedaladas” (de bicicleta) pelo hábito da Presidente de andar de bicicleta todas as manhãs.

35 O PLANFOR foi pensado dentro do SENAI, devido à existência de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) não utilizados. Começou com cursos oferecidos por OSs, avaliados por grupos de professores universitários da área da Educação. Essas avaliações regidamente pagas aliciaram aqueles que poderiam fazer crítica e que pediam desesperadamente a quem estava fora deste esquema falasse sobre ele. Cursos de 160 hs para pedreiros em pequenas cidades, ofereciam uma precária formação e como não existia mercado local impulsionava à migração para as grandes cidades. Pessoalmente consultei os relatórios e constatei que, pelo menos em dois Estados (Roraima e Maranhão) a maioria dos cursos não tinham sido dados. As carências das improvisadas OSs levaram, naturalmente ao SENAI/SENAC. Paiva, V. Impacto de los cambios productivo-administrativos, laborales y sociales en el sector educativo: la experiencia brasileña (texto apresentado em Buenos Aires 2007).

2014 a Operação Lava Jato, que reúne uma nova geração de Procuradores da República e investigadores da primeira instância da Justiça Federal do Paraná, iniciou a investigação de crimes que conduziram à Petrobrás. Esta Operação vem se desdobrando em muitas outras e em muitas fases que investigam outras instituições e personagens, apesar das ameaças diversas. Pela primeira vez no país o Judiciário leva adiante os processos e condena políticos, empresários, funcionários, etc., (aqueles que envolvem políticos com mandato e foro privilegiado remetidos ao Supremo Tribunal Federal). Há alguns meses, após sua condução coercitiva para depoimento (já que havia se recusado a comparecer), Lula discursou em comício no Sindicato dos Bancários de São Paulo, dizendo que podia “tocar fogo neste país”.<sup>36</sup> Para completar o quadro, em ato da Frente Brasil Popular contra o impeachment em São Paulo, Rousseff discursou evocando as figuras de Vargas e de Goulart, fazendo analogia entre as 3 situações<sup>37</sup>. Coincidentemente a parte final do processo no Congresso foi aberto no aniversário do seu suicídio.

O julgamento mostrou muitas faces do país e muitos brasileiros puderam conhecer seus representantes pela TV. A sessão final teve caráter tipicamente nacional, com a acusadora indo às lágrimas diante da acusada e com o defensor oficial deixando o plenário aos prantos. Finalmente, o Senado resolveu fatiar a punição, afastando Rousseff da Presidência sem caçar seus direitos

políticos, abrindo caminho à reivindicação de nova jurisprudência e para uma maior judicialização da política. Se as razões do impeachment são fundamentalmente econômicas, ele também trouxe à baila outros conflitos e a luta subterrânea entre os poderes se acirrou. A divisão penetrou famílias, grupos de amigos, etc.<sup>38</sup>. No seu foco não estão apenas os problemas da gestão do país, mas as descobertas, difusão e discussões do achados da maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil, que a população espera ver levada adiante. Assistimos a um melancólico fim do segundo tempo de governos federais populistas, com idiossincrasias próprias em relação ao período 1950-1964.

O Brasil passou a viver um novo período de sua história, no qual os conflitos assumem uma nova dimensão e o sistema político se fragmenta enormemente, sem que se possa identificar lideranças e hegemonia partidária possível. O novo governo nasce das entranhas das alianças do governo anterior e tenta obter maioria no Congresso para realizar reformas (Fiscal, Trabalhista, Previdenciária, etc.) que constavam do programa do programa da oposição (PSDB), mas que eram previstas - em algum momento - no governo Rousseff, e equilibrar as forças em presença com a marca do tradicional do PMDB.

P.S.

Um último comentário diz respeito ao populismo. O populismo tradicional – Vargas, Lula – de manipulação das massas por líderes carismáticos

36 Se o PT considerou o populismo é a antessala do socialismo, ele foi vencido – entre nós, pelos restos do passado. Na Rússia, quando o PC verdadeiramente conquistou o poder e o Estado - assumiu a forma de golpe contra os mencheviques e o que se seguiu é conhecido: ataque externo, guerra civil contra o exército branco, boicote econômico, desorganização da produção, fome, escassez de combustíveis para o inverno, repressão violenta pela Cheka, liquidação da revolta dos marinheiros de Kronstadt – considerados influenciados pelo anarquismo e o populismo, Trotsky foi, ao longo de todo o período, até ser exilado em Alma Ata por Stalin, o comandante militar mais importante da revolução. Uma das principais discordâncias de Lenin contra os mencheviques, além de um período de desenvolvimento burguês defendido por estes foi a ideia de ter um pequeno partido composto de revolucionários profissionais, com um grande número de apoiadores e simpatizantes que não seriam membros do partido. O socialismo ao redor do mundo segue experimentando as diversas soluções então levantadas e Trotsky nunca esteve tão vivo como hoje.

37 Dilma Rousseff cita Getúlio e Jango e diz: “Luta não tem data para terminar”. O Globo. 24.08.16. Do mesmo modo o senador Lindberg, jovem liderança vinda do movimento estudantil e ardoroso defensor de Rousseff, estabeleceu esta linhagem na última sessão do Senado antes da votação da votação do impeachment.

38 Ao contrário do que aconteceu em 1964, quando a direita e mesmo militares, acolheram e protegeram em suas casas defensores do governo deposto e militantes dos partidos trabalhista, socialista e comunista, hoje famílias e amigos só podem se encontrar se estiverem na mesma posição,

que trocam benefícios por votos está amplamente desmascarado neste processo. Este conceito é objeto de discussões e rejeição nos meios acadêmicos que o tomam em suas diferentes formas de maneira isolada. Mas o populismo tradicional, derivado do romantismo alemão passando pelos narodniks, continua vivo em muitos aspectos e tão mais forte quanto mais profunda a rejeição do leninismo e suas consequências. A interpretação de Laclau sobre as diferentes possibilidades do populismo, seu significado e papel, levanta a questão de sua sobrevivência tanto à esquerda quanto à direita.

Para Laclau, o populismo ideológico pode ter dupla articulação, ou seja a interpelação popular abstrata pode conectar-se a diversos discursos de classe. O populismo serviria também quando há confronto com o bloco do poder, de acordo com o discurso de classe ao qual se liga. À direita o populismo pode embasar regimes fascistas que se justificam através da “cultura do povo”. À esquerda, “não haveria socialismo sem populismo”, ou seja, o socialismo precisa da interpelação popular não apenas para chegar ao poder, mas para manter-se como regime. Segundo ele, “as formas mais elevadas de populismo só podem ser socialistas”, ou seja, o populismo seria a antessala do socialismo. Tudo depende do nível de consciência das elites intelectuais que formulam a ação política socialista. Neste sentido, tal como o mundo desenvolvido está exposto a um populismo de direita, a América Latina pode evoluir para um populismo à esquerda<sup>39</sup> e o mundo inteiro se confronta com esta “ideologia secundária”. Esta é a razão pela qual a esquerda continua apoiado Lula .

Teresópolis, 01 de setembro de 2016.

## REFERÊNCIAS

HAXENHAUSEN, A.. *Studien über die inneren Zustände, das Volksleben und insbesondere die ländlichen Einrichtungen Russlands*. Hannover, 3. vols., 1847.

JAGUARIBE, Hélio. A crise brasileira. *Cadernos do nosso tempo*. Rio de Janeiro, ano I, nr. 2, 1953, p. 120-160 e A crise do nosso tempo e do Brasil. *Cadernos do nosso tempo*. Rio de Janeiro, Ano II, nr. 2, 1954, p. 1-17.

Laclau, Ernesto. *Política e ideologia na teoria marxista*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. P. 202.

LE BLANC, Charles/ MARGANTIN, Laurent/ SCHEFER, Olivier. *La forme poétique du monde. Antologie du romantisme allemand*. Paris, José Corti, 2003.

Paiva, V. *Paulo Freire e o pragmatismo americano: o risco das afinidades na história das ideias*. In: Paiva, V/Trajano, J. *Pensamento Social Brasileiro*. São Paulo, Cortez, 2004.

VAZ, Henrique de Lima. *Consciência e Realidade Nacional*. Síntese, Rio de Janeiro, ano IV, nr. 14, abr/jun.1962;

VIEIRA PINTO. Álvaro. *Consciência e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro, MEC/ISEB, 1960..

WEFFORT, Francisco. “Política de massas.” In *Otávio Ianni (ed.) Política e revolução social no Brasil*, Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.

39 Laclau, Ernesto. *Política e ideologia na teoria marxista*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. P. 202.